

# **XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**

**Territorialidade e violência: novos ritos de ordenação  
urbana nas grandes metrópoles.**

**(GT Metroplização e Governança)**

**Glória Diógenes  
UFC**

**AGOSTO/1999**

## **Territorialidade e violência: novos ritos de ordenação urbana nas grandes metrópoles.**

**Glória Diógenes\***

### **O espaço e o território**

*Nas crenças de Fortaleza existe uma parte de verdadeiro e falso. É verdade que duas posições de si mesma acompanha a cidade, uma celeste e uma infernal; mas há um equívoco quanto aos seus conteúdos. O inferno incubado no mais profundo subsolo de Fortaleza é uma cidade desenhada pelos mais prestigiosos arquitetos, construída com os materiais mais caros do mercado... Preocupada em acumular os seus quilates de perfeição, Fortaleza crê que seja virtude aquilo que a esta altura é uma melancólica obsessão de preencher os receptáculos vazios de si mesma; não sabe que os únicos momentos de abandono generoso, são aqueles que se desprende, deixa cair, se expande.<sup>1</sup> O jogo ritualiza os seus momentos de dispersão. São nesses dias que uma luz celestial provoca um brilho peculiar na cidade. De muito longe, podemos ver o clarão que incide através dos holofotes do estádio Castelão.*

O percurso casa/bairro/terminal/estádio é fio condutor de uma inusitada cartografia espacial. No dia da final do campeonato cearense, chegamos no

---

<sup>1</sup> Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, 1991, p. 103. Substituímos o nome da cidade Bersbéia, original no texto de Calvino, por Fortaleza, Capital do estado do Ceará e cenário desta investigação. Utilizaremos a expressão cidade infernal, cada vez que falarmos das periferias, subúrbios, lugar de segregação e exclusão. Utilizaremos cidade celeste, para destacar o lado privilegiado em equipamentos e serviços urbanos. Fortaleza é uma cidade visivelmente segregada. O lado leste, uma grande e extensiva Aldeota; o lado oeste das favelas.

estádio no momento inicial do jogo, exatamente à 20:30hs. Logo percebemos que teríamos dificuldade de estacionamento. Conseguimos uma vaga na parte final do terreno relativo ao local reservado aos torcedores do Ceará. Na área do entorno do estádio, muitos ainda ocupavam as fileiras na tentativa de compra do ingresso. A morosidade dos bilheteiros era exaltada através de palavrões mais diversos. Na fila, o jogo parecia iniciar sua encenação. Movimentos bruscos, empurrões, sacudidas, cotoveladas expressavam um grau de aquecimento fora do lugar da disputa. Uma energia é dissipada, sem função, sem motivo, sem a proximidade do alvo de excitação: o torcedor adversário. O jogo se inicia no ritual de preparação para ida ao estádio. No ato de vestir a camisa, carregar faixas, encontrar torcedores nos bairros e nos terminais. É ativada em cada torcedor uma emoção antecipada, que apenas se intensifica no momento do jogo propriamente dito.

Ao entrarmos no Castelão percebemos que ali estavam, praticamente, os torcedores do Ceará. Era a festa do alvinegro. As faixas do time favorito circundavam todo o estádio.

Observei que elas têm a função de fazer ver marcos de ocupação territorial, de registrar a força dos torcedores e o seu potencial de ocupação de pontos estratégicos do espaço. A faixa é um símbolo de presença e ausência. Ela comunica quem ocupa cada territorialidade. Sendo assim, elas assumem a função de representação de signos territoriais ou seja, elas "comunicam territórios". Em cada momento do jogo, o território-estádio ganha diferentes configurações, novas dinâmicas de ocupação e migrações espaciais. Em cada disputa o estádio se re-territorializa, embora mantenha barreiras espaciais fixas. O lado A, TUF, o lado B, Cearamor<sup>2</sup>, permanecem, no Castelão, como marcos territoriais. A divisa entre os territórios é também uma alusão a própria existência da diferença e do conflito entre as torcidas. De outro modo, cada espaço mediatiza sua aparição sígnica de modo particular, intenso e inovador.

---

<sup>2</sup> A Tuf - Torcida Uniformizada do Fortaleza e o Cearamor - Torcida do Ceará se constituem como foco central desse trabalho de investigação.

A idéia que se tem é que uma quantidade maior de faixas de uma torcida em relação à outra, uma não ocupação do lugar reservado a uma cada uma, faz emergir o silêncio, a ausência, como espaço alvo de novas territorializações. O estádio traduz e condensa um inusitado ordenamento da cidade; é palco e cenário do que estamos denominando *território-em-movimento*.

A cidade evocada através dos planos de "zoneamento urbano" projeta usanças<sup>3</sup> e usuários racionalmente distribuídos em funções, espaços e fluxos. Cada lugar, cada serviço, cada equipamento, cada morador torna-se parte constitutiva de uma engenhosa maquinaria urbana. Essa visão da cidade que parece pontuar o imaginário de alguns planejadores urbanos, baseia-se em uma idéia de ordenação espacial que tem como princípio a noção fixa do espaço. Isso parece expressar o óbvio. A marca fundamental do espaço não seria a fixidez? Seria possível se pensar em uma dimensão de espaço cujo código fosse o movimento?

De modo mais tradicional o espaço representa um lugar geograficamente delimitado, com fronteiras e dimensões físicas visíveis e até mesmo táteis. Cada lugar, uma função. Talvez fosse pertinente estabelecer uma diferenciação entre o que se considera, usualmente, espaço e território. De acordo com Raffestain (1993: 143) "*é essencial compreender bem que espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível*". Nessa perspectiva, na medida em que o espaço passa a ser vivido, "*tomado por uma relação social de comunicação*" e representado pelo ator, não é mais espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor do território..." (Idem: 147). Ao assumir o território uma dimensão de comunicação e representação,

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Lucrécia Ferraro na obra "O olhar periférico", 1993, p.21." "Esta continuidade nos permite substituir o termo *uso* por *usança* com um caráter de mediação entre o espaço e o usuário. Desse modo, hábito e uso se incorporam, e *usança* surge como verdadeiro signo de um hábito!"

encenado por seus atores, ele pode ser conduzido através de imagens, atos e palavras, ele movimenta-se por um outro território: o corpo.

A dinâmica juvenil de gangues, galeras<sup>4</sup> e torcidas organizadas possibilita evidenciar um modo de nomadizar marcas territoriais para pontos diversos da cidade. Dentro do código de sociabilidade das galeras a "*rua é tipo um jogo, que você entra e prá voltar é foda, é difícil, quase impossível, e mesmo que saia da rua ela não sai de você*". O território se institui como marca que cada um carrega para onde vá, marca que cada um carrega dentro de si, cujo terreno cartográfico é, fundamentalmente, o corpo. O território das gangues é movediço. Ele se constitui sob o referente territorial, o lugar de moradia e circula, explicita-se, através do nomadismo de seus integrantes, em pontos diversos da cidade"<sup>5</sup>. É desse modo que a cada lugar de encontro, de festa, uma mesma trama territorial se desenha. As divisas dos bairros projetam-se nos estádios, através das torcidas organizadas e nos bailes funk através das galeras.

*"Eram 10 horas da noite quando estacionamos bem próximo do Clube Vila União. O movimento estava apenas iniciando, mas o barulho e a movimentação já eram intensos. Alguns rapazes e moças encontravam-se na Praça que fica em frente ao Clube. Em seguida, verificamos que as galeras dos bairros deslocam-se para o Clube fechados, literalmente, dentro dos caminhões de mudança. É como se eles transportassem uma legião de clandestinos no que se refere ao trajeto bairro/clube.*

*Quando chegam no local, as duas portas detrás do caminhão entreabrem-se e desce, com uma aceleração e uma velocidade de quem se projeta no campo de combate, um*

---

<sup>4</sup>

<sup>5</sup> Idem: 211

*batalhão de 50 a 100 jovens, em passos ritmados, cabeças erguidas, num ritual coletivo de marcação territorial: 'Uh! É a Piedade'; 'Uh! É o Parque São Miguel'; 'Uh! É Serviluz', dentre outros. Cada grupo que chega ocupa um lugar na Praça, logo defronte ao Clube. Decidimos sentar no Bar vizinho e tomar cerveja para assumir, pelo menos enquanto o impacto do encontro com os "batalhões" ameniza-se, uma visão de espectadores da cena. E ficamos, ali, sentados e atônitos. Os caminhões chegavam, os batalhões desciam, amontoavam-se. Um imenso "reservatório humano de energia" condensava-se na espera do momento pronto para "detonar".*

*Na Praça, cada "bairro" identificava o seu "lugar", a sua posição territorial. Apenas 11:30min, quase meia-noite, é que percebemos que as várias galeras adentravam a área do clube. Entramos no Clube no lado A, lado TUF. Nosso "chapa" é lado B e atravessamos rapidamente a fronteira TUF/Cearamor. Não passou nem dois minutos e percebemos que o lugar em que estávamos, longe do som, era, paradoxalmente, aquele de maior enfrentamento. Nosso anfitrião veio logo providenciar a rápida retirada do local. O que, na verdade, não mudou muito. O baile é composto de três territórios: O lado A, B, e o C, que junta, segundo, o nosso guia, os "pilantras com a TUF e Cearamor, os 'refugo' ". Verificamos que o lado B tinha um número bem maior de integrantes e por isso ocupava uma área mais extensiva do Clube. No alto do lado B, uma faixa da Cearamor, logo depois retirada. No meio, entre o lado A e B ficam policiais e seguranças do clube. E a dança do baile segue o ritmo do enfrentamento. Como uma onda que flui e reflui, o lado B se entrelaça, ganha impulso e projeta-se em bloco para dentro do lado A. Os policiais e os seguranças na linha do meio, numa*

*grande prensa humana, reagem aos socos, cassetetes, murros, pesadas, empurrões e projetam a turba de volta para o seu território. Essa onda que vai e vem, com mais ou menos força, maior ou menor intensidade, torna-se a cadência que anima, impulsiona e assume o centro vital do baile." (Trechos do Diário de Campo)*

Os lados A e B, as linhas divisórias entre eles, a presença de policiais como guardiões e agentes de registro de uma belicosa trama territorial, assumem contornos semelhantes em pontos diversos da cidade. Os corpos em movimento funcionam como “*outdoors*”, signos territoriais que traçam o mapa *infernal* da cidade de Fortaleza. A cidade dos planejadores urbanos, da racionalidade dos usos e funções, *mapa celestial*, parece cada vez mais recuada diante dos fantasmas de uma cidade que teima em emergir.

Não há espaço desconectado da trama dos atores que o ocupam e que o encenam. O território seria então um mapa capaz de concentrar e dinamizar o espaço e o corpo. A dinâmica das galerias que se movimentam nos estádios, nos bailes funks e nos bairros sinalizam que a perspectiva destacada por De Certeau (1997: 200) que ‘*habitar é narrativizar*’ poderia ser ampliada do seguinte modo: habitar é narrativizar através do texto-corpo. Isso significa dizer que os gestos, mais que “arquivos da cidade” (Idem), são marcos e signos territoriais.

*"Foi observado entre as gangues e galerias um modo de contar histórias de vida, através do corpo, através das marcas. A comunicação visual tornou-se tão recorrente que é como se as palavras funcionassem apenas como âncoras para que o corpo-linguagem pudesse exhibir-se, para que os sinais pudessem explicitar os jogos de identidades" (Diógenes, 1998: 285).*

Verifica-se que os ritos juvenis de exibição, no centro vital das grandes metrópoles, de corpos que movimentam-se e "carregam" bairros, ruas, becos, qual seja, a própria cidade, são indícios de processos de des-enraizamento, de des-territorialização urbana. Os cultos, as festas, as tradições vivenciadas nos bairros transmutam-se para o espaço-corpo.

*"O corpo torna-se, assim, um conjunto de lugares de culto, nele distinguem-se as zonas que são objeto de unções ou lustrações. Então, é sobre o próprio corpo humano que vemos surgir os efeitos dos quais falávamos a propósito da construção do espaço." (Augé, 1994:6)*

Qual o motivo de uma cidade? Qual sua gênese? A cidade é, originalmente, o lugar do encontro<sup>6</sup>. Na medida em que torna-se cada vez mais lugar de passagem<sup>7</sup>, das idas e vindas para o trabalho, do fluxo e refluxo diário de uma "massa amorfa de passantes"<sup>8</sup> o espaço esvazia-se como "matéria-prima"<sup>9</sup> e o corpo assume o movimento como possibilidade do encontro. Vale ressaltar, que na etnografia realizada por Clastres entre os "Zuni", verifica-se que o corpo era utilizado como superfície de escrita da Lei.

*"Quase sempre o rito iniciatório considera a utilização do corpo dos iniciados. É, sem qualquer intermediário, o corpo que a sociedade designa como único espaço propício para conter o sinal de um tempo, o traço de uma passagem, a determinação de um destino" (Clastres, 1990: 125).*

Nos rituais juvenis de manifestação pública observa-se que o corpo torna-se não apenas um signo territorial como também condensa mapas, divisas, fronteiras e através de tatuagens, camisas, adereços, explicita diferenças entre bairros,

---

<sup>6</sup> Ver Raquel Rolnik, O que é cidade?

<sup>7</sup> Ver Walter Benjamin, A modernidade e os modernos.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Claude Raffestain, Por uma geografia do Poder, 1993, p. 144.



entre torcidas, entre galeras. Desse modo, o simples nomadismo das galeras na cidade já é, por si só, um ato de delinqüência. A exposição de corpos em plena praça pública, em grupos ruidosos, cúmplices de uma mesma "área"<sup>10</sup>, confabulando estratégias para "testar quem mais se garante" provoca um terrorismo na tradicional idéia de fixidez e ordenação espacial. "Se o delinqüente só existe deslocando-se, se tem por especificidade viver não à margem mas nos interstícios dos códigos que desmancha e desloca" (De Certeau, 1994: 16) ele torna-se figurante de novos ritos de ordenação espacial. Porém, não resta apenas o recurso de deslocar-se sem destino, o delinqüente, como nenhum outro ator urbano, percebe da importância dos rituais coletivos. É no jogo e na festa que os encontros traduzem um mapa inusitado da cidade, um mapa invisível, vestígios da cidade infernal.

### **O jogo e a festa: encenações territoriais**

*"Fortaleza. 15 horas. O sol parecia incidir sobre tudo, a luminosidade banhava os cenários. Em frente ao estádio Presidente Vargas, para o jogo marcado para as 16:30min, os primeiros torcedores iam chegando. Vendedores com cervejas e refrigerantes dentro de uma caixa de isopor, trafegavam anunciando seus produtos, mini-churrasqueiras levantavam um cheiro forte de carne e gordura, chaveiros de times, bonés e carnês para os sorteios eram anunciados. Os denominados popularmente "churrasquinhos de gato" enfileiravam-se previamente grelhados. Vendedores de laranjas, metade já cortadas, outras ainda com casca, movimentavam-se no asfalto em frente as bilheterias. O jogo da rua antecede o do estádio. A Torcida Uniformizada do Fortaleza- TUF, aglutina-se próximo ao portão principal de entrada. Os torcedores do Ferroviário, time minoritário em relação ao Ceará e Fortaleza (os tradicionalmente*

---

<sup>10</sup> Assim eles denominam alguém que compactua do mesmo território, "é das área", "é limpeza".

*rivals), chegam indagando: eu quero saber onde a torcida do "ferrim" vai ficar hoje? A territorialidade dos estádios projeta-se no asfalto e nos portões de entrada que o circundam. No som de uma Topic, de alto volume, escuta-se: "o baile é nosso pode acreditar, que meia-noite o parque Araxá vai abalar." Baile funk e estádio fundem-se numa dinâmica territorial similar. Uma outra música, de ritmo funk, enuncia: É o lado B, cadê o lado A?, Não se deve mexer no que está quieto, pula, pula lado A". Vendedores, torcedores, vigilantes de carros, o som das topics-bar, os rumores das conversas vão fazendo do lugar de fora um "aquecimento" para o jogo do estádio, para a festa da torcida." (Diário de Campo)*

A festa-jogo inicia-se não apenas no momento da partida de futebol. Ela se antecipa no adorno das faixas, das bombas, dos picotes de papéis, na preparação das camisetas e nas reuniões da torcida. O estádio transforma o jogo na festa da torcida. São recorrentes os estudos acerca da importância da festa<sup>11</sup> como espaço de transgressão e estímulo à mudança social.

*"As festas, distribuídas ao longo do ano, eram simultaneamente o tempo das comunhões coletivas, dos ritos sagrados, das cerimônias das retiradas dos tabus, dos pândegas e dos festins. O tempo das festas foi corroído pela organização moderna e a nova repartição das zonas de tempo livre: fim-de-semana, férias".*

A festa-jogo antecede o momento da disputa. É nesse momento que as áreas, as redes de sociabilidade, os símbolos e seus atores podem fazer emergir a cidade infernal. Quando o estádio ilumina as inscrições de cada Ala do Cearamor, de cada núcleo da TUF<sup>12</sup>, as Máfias da Fúria Jovem,<sup>13</sup> possibilita

---

<sup>11</sup> Festas e Civilizações, Jean Duvignaud, 1983; A revolução Cultural do tempo livre, 1994, Joffre Dumazidier; A Sombra do Dionísio, Michell Maffessoli, 1985.

<sup>12</sup> Ver em anexo.

perceber que cada bairro do "lado de lá da cidade" comunica sua existência e sua posição territorial. Quando se diz **a torcida faz a festa** se tem como referente o jogo, de outro modo a festa da torcida traduz a possibilidade de que as energias ali canalizadas possam explicitar "jogos sociais"<sup>14</sup> latentes. "O sentido mais profundo, o duplo sentido de 'jogo social' é que o jogo não é só praticado em uma sociedade (como seu meio exterior) mas que, com ele, as pessoas 'jogam' realmente 'sociedade'. (Simmel, 1983: 174).

A festa que as torcidas celebram, os jogos que elas enunciam extravasam o estádio.

*"A torcida é uma festa no estádio. Dividido em duas partes, vibração e uma parte de organização. Numa final, todo mundo pensa que numa final de campeonato a pessoa só vê aquela festa, só aquele momento de alegria na arquibancada. Fogos papocando, essas coisas. Mas numa final, um dia antes de jogo é o maior sufoco. A gente tem que ir em gráficas, em casas de fogos, tentar patrocínio com alguém..."* (Integrante da Ala Rebelde da Cearamor)

A organização da torcida se estabelece no momento anterior ao jogo e mobiliza todo os integrantes da mesma na área, qual seja, nos bairros. O território se organiza para o jogo. Porém, é apenas no estádio que um inusitado "jogo social" se esquadrinha, se comunica, marca a sua existência. Esse momento do jogo-festa faz emergir uma força, um estado que parece não ter lugar social para fluir no dia-a-dia das cidades. *"Coletivo ou individual, o conhecimento que a festa promove orienta para a descoberta da força de uma destruição de que a consciência pessoal não participa"* (Duvignaud, 1983: 222). O jogo-festa potencializa não apenas o encontro entre torcedores de diferentes times, de

---

<sup>13</sup> A Fúria Jovem é uma torcida dissidente do Cearamor. Ela é dividida em máfias que no momento do baile funk ocupam o "lado C" do Clube.

<sup>14</sup> Expressão utilizada por Geog Simmel, 1983.

torcidas rivais, mas a possibilidade de uma manifestação extrema das disputas territoriais que não têm lugar de expressão no fluxo cotidiano das metrópoles.

*"Do mesmo modo, os espectadores de um jogo de futebol podem saborear a excitação mimética de um confronto entre duas equipes, evoluindo de um lado para o outro no terreno do jogo (...) tal como na vida real, podem agitar-se entre esperanças de sucesso e medos de derrota; e, nesse caso, activam-se sentimentos muito fortes, num quadro imaginário, e sua manifestação aberta na companhia de muitas outras pessoas pode ser a mais agradável e libertadora de todas, porque na sociedade, de um modo geral, as pessoas estão mais isoladas e têm poucas oportunidades para manifestações coletivas de sentimentos intensos"* (Elias, 1985: 72)

As manifestações coletivas de sentimentos intensos se condensam na lógica do jogo, numa guerra simplificada: lado A e lado B. Os torcedores adentram o estádio Castelão por acessos diferenciados, compram seus bilhetes no estádio em locais separados, tomam a condução em pontos diferenciados na volta do estádio, aglutinam-se em zonas divididas inclusive por um grande declive, quase intransponível, como uma divisa externa. No primeiro jogo no Castelão, a nossa equipe de pesquisa, decidiu sair da área do Ceará e adentrar o estádio na parte da torcida do Fortaleza.

*"Tentamos dar volta ao redor do estádio. Em certa altura, porém, deixa de existir a calçada de concreto para dar lugar a um espaço que parece um barranco, como se um meteoro tivesse caído ali. Depois daquele barranco, continua a calçada de concreto. É então que começa o território dos torcedores do Fortaleza".* (Diário de Campo, Renata)

Na medida em que a territorialidade-estádio se explicita para as suas áreas externas, fica registrado, como um marco espacial, as fronteiras que dividem a

cidade de Fortaleza num extenso lado A e lado B. O termo "divisa" já faz parte dos códigos de linguagem dos torcedores, da percepção do jogo e da tensão proporcionada pelos enfrentamentos. Dentro do estádio, "a divisa" assume dimensões espaciais diversas, dependendo da intensidade da disputa. No estádio Castelão, os torcedores não mudam de posição no intervalo do jogo, no estádio Presidente Vargas, onde ocorrem os jogos não-decisivos e de times que jogam contra o Fortaleza ou o Ceará, o território-torcida movimenta-se nos intervalos do jogo.

*"No intervalo do jogo, entre o primeiro e o segundo tempo, a torcida saiu de um lado do estádio para o outro, para atrás do gol do time adversário. No instante em que o primeiro tempo acabou, foi como se alguém tivesse atijado um formigueiro. Pois, a massa que antes estava bem juntinha, fazendo coreografias e cantando, começou a se deslocar para o lado oposto do estádio, como se as formigas tivessem desorientadas" (Diário de Campo, Renata).*

Essa perda momentânea de referentes territoriais, do estabelecimento espacial das regras do jogo, causada pelo deslocamento provoca, na massa de torcedores, uma desorientação, uma não percepção momentânea do lugar que ocupam no estádio, na torcida, na cidade. A simples presença de um "torcedor comum"<sup>15</sup> do Fortaleza no lado da torcida do Ferroviário provocou um conflito entre policiais e torcedores.

*"Devido ao sol que fazia no estádio uma estufa a céu aberto, fomos para um pequeno espaço que localizava-se na sombra. Nesse local que pudemos presenciar uma cena peculiar: vários agentes de Polícia Militar tentavam retirar três torcedores do Fortaleza que estavam na parte "reservada" para os torcedores*

---

<sup>15</sup> Torcedor comum diferencia-se daqueles das torcidas organizadas pelo uso da camisa portando as cores do time. O "torcedor da organizada, como são reconhecidamente denominados, usam uma camisa com o nome da torcida, da ala, do núcleo ou da máfia.

*do Ferroviário. Em torno de três homens, "torcedores comuns" estavam cerca de oito policiais insistindo na necessidade de que eles retirassem-se do local. Torcedores do "Ferrim", bastante alterados, gritando algo, ameaçando os três diziam: "se fossem torcedores do Ceará, não teria ninguém aqui", "passa o pente fino", "pega o beco filho da puta", "fora, carniça", "sai, baitola". Os torcedores do Fortaleza, com um ar de aparente tranquilidade, argumentavam para os policiais: 'Estamos aqui porque é do lado da sombra, pagamos e podemos sentar em qualquer lugar, não vamos sair'. Como os policiais não conseguiam convencer os três, torcedores do "Ferrim" iniciaram outra série de provocações, nesse momento dirigidas aos policiais: "É coronel?", "é filho de capitão", "É filho do FHC". Essa zona que divide as torcidas no estádio, zona limite de territorialidades contíguas é uma notória "zona de tensão". Tendo em vista a insistência dos torcedores em permanecerem no local, os policiais afastam-se esboçando o seguinte comentário: deixa eles, se levarem porrada, não tô nem aí". (Diário de Campo, Glória)*

Não apenas dentro do estádio, como também no baile funk, os policiais atuam como partícipes e "oficializadores" da existência de uma extensiva e irruptiva "guerra territorial". São eles que ocupam todo o espaço relativo a área da divisa nos estádios, nos bailes funks e criam uma regra que normatiza a existência dos "Lado A" e "Lado B": é proibido cruzar a divisa.

### **Alegria e crueldade: a festa da guerra territorial**

O jogo no estádio, a festa no baile, a organização das torcidas e das galeras, suas regras, suas hierarquias, seus hinos, suas "montagens" nos transportam para um curioso campo de guerra.

*"A provocação entre os lados A e B ocorre a todo o momento no baile. O local de maior tensão é na divisa entre os dois lados. Ficamos mais no final do lado B,<sup>16</sup> apenas observando os atritos na zona limitrófe, num movimento pendular, que ora movia-se em nossa direção, ora invadia o lado A. No final de cada lado, fica-se aparentemente protegido, numa territorialidade que lembra um campo de batalha: a tensão ocorre principalmente no 'front', servindo a retaguarda apenas para que as energias sejam repostas para um novo enfrentamento. Não há portanto confusões entre pessoas do mesmo lado, mas apenas entre integrantes de lados diferentes. De um lado, todos são amigos, são 'chapas'. O inimigo está do outro lado, são os 'sujeira'. (Diário de Campo, Rayol)*

O mais curioso é que essa lógica de enfrentamento tem seus códigos de funcionamento estabelecidos e mantidos pelos integrantes dos lados rivais e pela polícia que funciona como uma fronteira de tensão, uma divisa que mantém e propulsiona o conflito.

*"Os rituais da hierarquia obsessivamente severos que requerem obediência instantânea, como no campo de batalha, ainda aparecem nos estádios de futebol...jovens torcedores sentem-se defensores do território em casa e invasores aventureiros nas cidades rivais" (Hilman, 1993: 68-69).*

---

<sup>16</sup> Área do Cearamor projetada no baile, assim como o lado A, área da Tuf.

O chefe de cada ala, de cada núcleo e máfia exercem o papel tanto de ordenação do conflito, manutenção de suas regras como de expressão de força. A torcida mais considerada é aquela identificada por todos como a mais *cruel*, mas também como aquela mais animada. As músicas das torcidas organizadas expressam o caráter de guerra.

### **HOJE VAI TER UMA GUERRA**

Tiros vão voar  
Muita gente vai morrer  
Chegou pra detonar  
TUF gay cadê você  
Que felicidade  
A TUF quer brigar  
Corre, corre, corre  
Senão vai apanhar  
Na 13 de maio  
Correu de galerão  
Agora eu quero ver disposição  
Pra correr  
Pra brigar  
Corre, corre, corre  
Senão vai apanhar  
(Música da Cearamor)

### **O GUERREIRO**

Sou um guerreiro  
Que sozinho mato mil  
Sou o torcedor  
Mais fanático do Brasil  
Se é para matar  
Se é para morrer  
Sou, sou tricolor, eu sou  
Vou dar porrada, eu vou  
E ninguém vai me segurar  
Leões da TUF!



Hilman (1993) compara os jogos no estádio de futebol a componentes míticos representados por Marte e Vênus.<sup>17</sup> Contrariando as regras do disciplinamento urbano, na tentativa de segregar o “marginal”, de separar o “caos” da ordem, o jogo parece expressar que beleza e fúria não apenas conjugam-se, como comunicam códigos de uma cidade submersa, luzes e vozes da *cidade infernal*.

*“O que é uma torcida organizada? O que eu posso falar? Uma torcida organizada tem várias vertentes. Tem tendências assim, que o cara não pode dar uma definição correta dela ne? Você pode levar pro’ lado da alegria, da festa, torcida organizada é isso aí. E você pode levar também, como se diz assim, das brigas que acontece. Você pode definir ela como família, você pode definir ele como raiva. Uma coisa de boa e de ruim”*  
(Integrante da TUF).

A torcida organizada aparece entre os seus integrantes pontuda por um imaginário ambíguo, condensador de referentes aparentemente contraditórios. Através da torcida é possível pensar que a cidade não obedece aos ritos da ordenação e da divisão para ela planejada. A conjunção entre *marte* e *vênus*, entre *coisa boa* e *coisa ruim* nos projetam diante de um cenário denso, onde os *bonzinhos malvados*<sup>18</sup> enunciam que a cidade *ordenada, zoneada* está em guerra.

*“Com a agressão dos ‘hooligans’ aparece uma mudança de escala, de natureza, de significação: a morte pode ser o cortejo da desordem, da destruição. É a exploração de uma situação, a presença de uma massa dividida pela paixão nas grandes partidas de futebol, de um jogo cujo movimento e cuja linguagem (as metáforas) fazem um simulacro de*

---

<sup>17</sup> Podemos definir *vênus* e *marte* não meramente como opostos, mas no interior um do outro. Que os amantes caíam na fúria louca de *marte* não nos surpreende. O contrário é também verdadeiro. O mundo de *.marte* gosta do contato físico, exibição dos corpos, deleite estético no estilo, liberação nos instintos, impetuosidade passional; como se vê, *marte* e *vênus* compartilham o furor pela vida" (1993: 69)

<sup>18</sup> Uma galera de Fortaleza

*guerra, de uma religião esportiva que é também a do corpo e que dá forma ao paganismo moderno, que impregna a sociedade atual'*  
(Balandier, 1997:211)

Esse “jogo social” permite a visibilidade pública de uma guerra territorial de fronteiras invisíveis, permite por em movimento uma linguagem que apenas se traduz em campos de batalha. O jogo possibilita através de corpos *marcados* e marcadores de conflitos uma exposição de símbolos de diferenças, contrastes e disputas diante das luzes dos holofotes, no centro de uma inusitada esfera pública.

### **O jogo: ritual de cisão simbólica**

O jogo no estádio e a dança no baile funk comunicam campos de sociabilidade que parecem não adquirir visibilidade no cotidiano das grandes cidades. Apenas através de rituais onde se torna possível desenhar um mapa da cidade *infernal*, quase invisível, de *territorialidades em movimento* é que seus os símbolos podem emergir. A torcida organizada no estádio atua como uma festa de signos territoriais. De outro modo, como esses signos comunicam territórios não-visíveis no cotidiano, a sua expressão pública se revela como um momento de cisão simbólica. Toledo (1996: 42) ressalta que “*o dia de jogo pode ser pensado como um ritual de cisão simbólica da sociedade...*” como um momento da representação do embate entre os vários papéis e funções que possibilitam a existência do jogo.

A competição de signos que se estampa nas faixas, camisas, bonés, bandeiras e nos corpos dos torcedores produzem um mapa *cruel*, super-real do caráter guerreiro dos enfrentamentos territoriais denominados **jogo**. No estádio, tomando por base uma análise de Canevacci (1993:49) acerca da polifonia das cidades, vence quem tem o maior número de signos, ou seja, quem tem maior

domínio territorial. As *montagens* representam as várias inscrições territoriais que se projetam através músicas:

“Décimo sétimo  
Bonde do poder  
Sou zona central  
Sou TUF até morrer!”

“Oitavo núcleo  
Carlito e Pirambu  
Quem não for da TUF vá tomar no...”

Encoste na parede  
Que o lado “A” chegou  
Jurema sétimo núcleo  
O bonde destruidor”

O bonde é azul  
Banco e vermelho  
TUF quinto núcleo  
É o bonde dos guerreiros”

A diferença é que o “jogo social” no estádio não tem simulacro. Nada “é como se” nas torcidas, nesse âmbito *ninguém é reduzido a passividade do espectador* (Canevacci :16). Todos se enunciam, mostram-se, arregimentam-se e integram o jogo. Se o espectador olha, se o espetáculo pressupõe palco e platéia, o jogo encenado pelas torcidas organizadas ocorre em todo o cenário do estádio. Um integrante da torcida TUF diz que “*tem muita gente que nem olha pro jogo*”, é como se o espetáculo estádio se projetasse na festa de signos ensejada por cada torcida.

É assim que a cada jogo, a cada momento que o antecede, as torcidas põem em movimento símbolos territoriais. “*A humanidade adere a uma espécie de jogo onde não se sabe quem joga e o que é jogado*” (Morin, 1990 :76). Pressente-se que apenas quando todas as torcidas ocupam seu lugar no estádio, observam suas localizações, a área da divisa, um inusitado jogo territorial se comunica, ganha espaço, marca a sua existência. Quando o jogo termina, *territórios em*

*movimento*, retornam para os seus lugares de anonimato. O traçado oficial da cidade, no final do jogo, se projeta na sua *divisa* habitual, o lado A e lado B, território dos *playboys* e área dos *sujeira*. De que lado você olha? De que ponto você vê? O território é móvel e relativo ao lugar de onde cada um se encontra. *Limpeza, sujeira, pilantra, cruzeta* é uma marca que cada um carrega. Um jogo que parece não ter fim, um território que se desenha e se desintegra a cada movimento, a cada trajeto na cidade.

## ANEXOS

### 01. NÚCLEOS DA TUF E SEUS BAIRROS DE ATUAÇÃO

<b>NÚCLEO</b>	<b>BAIRROS DE ATUAÇÃO</b>
1°	MESSEJANA/ CID. DOS FUNCIONÁRIOS
2°	PIO XII/ PILOTO
3°	MONTE CASTELO
4°	ALDEOTA
5°	PARQUELÂNDIA
6°	VARJOTA/ PAPICU/CIDADE 2000
7°	JUREMA
8°	MONTESE/ CONJ. CEARÁ
9°	ANTÔNIO BEZERRA
10°	PARANGABA/ VILA MANUEL SÁTIRO
11°	CONJ. CAJAZEIRAS/P. ROCHA/BELA VISTA
12°	CENTRO I
13°	PRAIA DE IRACEMA
14°	NOVA METRÓPOLE
15°	HENRIQUE JORGE
16°	CASTELO ENCANTADO
17°	CENTRO II
18°	BENFICA/J. AMÉRICA/ DAMAS

19°	PIRAMBU/ JACARECANGA
20°	MARACANAÚ
21°	BEZERRA DE MENEZES
22°	CONJ. PALMEIRAS/ TAMANDARÉ
23°	MARAPONGA
24° NÃO EXISTE	NÃO EXISTE
25°	
26°	CARLITO PAMPLONA/ BARRA
27°	VILA UNIÃO
28°	
29°	
30°	VILA MANUEL SÁTIRO
31°	PLANALTO PICI
32°	CONJ. ESPERANÇA
33°	RIO GRANDE DO SUL
34°	JOSÉ WALTER
35°	
36°	SÃO GERARDO
37°	VILA PERY
38°	COUTO FERNANDES
39°	PQ. SÃO JOSÉ
40°	POTIRA
41°	
42°	PAJUÇARA

## **02. ALAS DA CEARAMOR E SEUS BAIROS DE ATUAÇÃO**

- 01. ALA OESTE – Monte Castelo
- 02. ALA OESTE – Metrôple/Araturi
- 03. ALA REBELDE – Otávio Bonfim
- 04. ALA JOVEM – Conjunto Ceará

05. ALA IDEAL – Novo Ideal
06. ALA CENTRO - Centro
07. ALA NORTE- Pirambu
08. ALA GUERREIROS – Conjunto Jereissati
09. ALA POSTO - Siqueira
10. ALA FIEL QC – Quintino Cunha
11. ALA FIEL OLAVO OLIVEIRA – Olavo Oliveira
12. ALA GUANABARA – Jardim Guanabara
13. ALA BARRA – Barra do Ceará
14. ALA FANTASMA – João XIII
15. ALA HEMP – Pan Americano
16. ALA ANJO – Parque Araxá
17. ALA MAL - Pici
18. ALA DR – Demócrito Rocha
19. ALA POLO - Piedade
20. ALA FEMININA – Conjunto Ceará
21. ALA ROCK - Metrópole
22. ALA FUNK – Cidade 2000
23. ALA C.V.U. – Vila União
24. ALA MBS – Bom Sucesso
25. ALA MARACA – Conjunto Jereissati
26. ALA AREAL - Areal
27. ALA PIRAMBU - Pirambu
28. ALA BJ – Bom Jardim
29. ALA SURF - Potira
30. ALA DELTA - Piedade
31. ALA CAPOEIRA – Aldeota
32. ALA GRANJA – Granja Portugal
33. ALA GRANJA FEMININA – Granja Portugal
34. ALA COMANDO - Siqueira
35. ALA CANAL – Jardim América

36. ALA COE – Conjunto São Francisco
37. ALA DHOW – Jardim Iracema
38. ALA PI – Praia de Iracema
39. ALA MESSE - Messejana
40. ALA TERRORISTA – Santo Inácio
41. ALA REGGAE - MetrÓple
42. ALA DARK – Parque Cajazeiras
43. ALA SÃO MIGUEL – São Miguel
44. ALA RATOS - Montese
45. ALA PARQUE – Parque Rio Branco
46. ALA CPI – Parque Itamaraty
47. ALA REINO – Reino Encantado
48. ALA CRUEL – Olavo Oliveira
49. ALA WEINE – Álvaro Weyne
50. ALA PATI - - Jardim Iracema

## **BIBLIOGRAFIA**



- AUGÉ, Marc. ***Não Lugares – Introdução a uma antropologia da supermodernidade.*** Campinas, São Paulo, Papirus, 1994.
- BALANDIER, Georges. ***A Desordem – Elogio do Movimento.*** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. ***À Sombra das Maiorias Silenciosas – O fim do social e o surgimento das massas.*** São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. ***A modernidade e os modernos.*** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- CALVINO, Italo. ***As Cidades Invisíveis.*** São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- CANEVACCI, Másssimo. ***A Cidade Polifônica – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana.*** São Paulo, Studio Nobel, 1993.
- DE CERTEAU, Michel. ***A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer.*** Rio de Janeiro, Vozes, 1996, 2<sup>a</sup>. ed.
- \_\_\_\_\_. ***A Cultura no Plural.*** São Paulo, Papirus, 1995.
- DE CERTEAU, Michel. *et alli.* ***A Invenção do Cotidiano – Morar, cozinhar.*** Rio de Janeiro, Vozes, 1997.
- DIÓGENES, Glória. ***Cartografias da Cultura e da Violência – gangues, galeras e o movimento hip hop.*** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.
- DUMAZEDIER, Joffre. ***A Revolução Cultural do Tempo Livre.*** São Paulo, Studio Nobel, 1995.
- DUVIGNAUD, Jean. ***Festas e Civilizações.*** Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- ELIAS, Norbert. ***A Busca da Excitação.*** Lisboa, DIFEL, 1992.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. ***Olhar Periférico.*** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- HILLMAN, James. ***Cidade & Alma.*** São Paulo, Studio Nobel, 1993.
- MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (org). ***Na Sombra da Cidade.*** São Paulo,

Editora Escuta, 1995.

MORAES FILHO, Evaristo de (org). ***Simmel – Sociologia***. São Paulo, Ática, 1983.

MORIN, Edgar. ***Cultura de Massas no Século XX – Neurose***. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990, 8ª. ed.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. ***Torcidas Organizadas de Futebol – Violência e auto-afirmação – Aspectos da construção das novas relações sociais***. Taubaté, Vogal Editora, 1997.

RAFFESTAIN, Claude. ***O Que é Território? in Por uma Geografia do Poder. São Paulo, Ática, 1993.***

ROLNIK, Raquel. ***O que é cidade?*** São Paulo, Brasiliense, 1988.

TOLEDO, Luiz Henrique de. ***Torcidas Organizadas de Futebol***. São Paulo, Autores Associados/ANPOCS, 1996.

VIANNA, Hermano. ***O Mundo Funk Carioca***. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.